

Health Cluster Portugal quer “massificação das TIC” na área da saúde



Luís Portela, presidente do HCP.

O Health Cluster Portugal (HCP), pólo de competitividade que agrega hoje 106 associados do sector público e privado da saúde do país, participou esta semana no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, num evento que pretendeu relacionar as tecnologias da informação, comunicação e electrónica (TICE) com o aumento da produtividade e qualidade dos serviços na área da saúde em Portugal e no mercado global. O objectivo foi “esclarecer os decisores da Administração Pública e no mercado do sector da Saúde da forma como os recentes desenvolvimentos na área das TIC podem ser uma mais-valia para o aumento da produtividade e melhor serviço aos cidadãos”.

Assumindo que quer “dar resposta aos grandes objectivos estratégicos que originaram a sua criação” - o envelhecimento populacional, as doenças (como as neurodegenerativas, cancro, cardiovasculares, degenerativas osteo-articulares, inflamatórias, infecciosas e metabólicas), assim como o “e-health”,

o evento em que participou o HCP vai apostar no projecto “AAL4ALL”, que pretende “trazer uma melhor qualidade de vida para a população sénior com a ajuda das tecnologias”.

Questionado pela “Vida Económica” a propósito do evento, Luís Portela, presidente do pólo da saúde, frisa que o HCP “tem vindo a sensibilizar os associados para a vantagem de fazerem projectos em conjunto, não só na área dos novos medicamentos ou terapêuticas, mas, também, na informática e na saúde”.

“Posso dizer-lhe que uma das soluções que se consegue encontrar na área da saúde é o hospital sem papéis, por exemplo, onde a informática possa ter uma predominância e funcionar sem papéis, em que a pessoa nem precisa de levar papéis para casa, pois com a aplicação do seu cartão de saúde ter toda a informação sobre si”, explicou Luís Portela à “Vida Económica”.

Frisando que “há um potencial enorme na área da saúde”, o também presidente da Bial lança o repeto ao Governo e aos operadores do sector da saúde em Portugal: “o que falta é saber como pegar nesse conhecimento e levá-lo até à prática, através de produtos e serviços inovadores, não só no mercado português, mas também a nível global”. Para isso, explica ainda, “e porque os recursos são escassos e temos de ir pelo caminho da racionalização”, há que trabalhar em “investimentos de longo prazo”.

“Eu não defendo as medidas restritivas cegas, em que se corta de qualquer maneira, a cito”, declara Luís Portela. É por isso que “projectos destes na área das tecnologias ajudarão a área da saúde a encontrar soluções mais racionais para os problemas orçamentais”. São investimentos para quem faz a gestão. É “é preciso é ter a visão e a coragem para investir”.

TERESA SILVEIRA
teresasilveira@vidaeconomica.pt